

Philippe Willemart¹

Pensamento e sensação em Marcel Proust

Resumo: Pensamos com imagens ou com palavras? O manuscrito literário proustiano, que dá a ler um pensamento em formação, oferece uma terceira via revelada no episódio da torrada que se tornará *madeleine* no texto editado. Percorrendo um dos primeiros cadernos de rascunhos que trata desta lembrança prazerosa, encontramos um pensamento que embora seja fruto de um lance de dados como Mallarmé tinha proposto, logo depois segue um caminho lógico de sensação em sensação.

Palavras-chave: Proust; Mallarmé; pensamento; sensação.

Abstract: Do we think with images or with words? The proustian literary manuscript, that allows the reading of the generation of a thought, offers a third pathway revealed in the episode of the toast that will become *madeleine* in the edited text. Reading one of the first sketchbooks that deals with this pleasant memory, we find a thought that although is the result of a role of the dice like Mallarmé has suggested, soon later follows a logical road of sensation in sensation.

Key-words: Proust; Mallarmé; thought; sensation.

¹ Professor titular em literatura francesa na FFLCH-USP. E-mail para contato: plmgwill@gmail.com.

Entrada

Em 1897, Stéphane Mallarmé intitulou um de seus últimos poemas da seguinte maneira: “Um lance de Dados nunca abolirá o Acaso”. O poema termina por este verso: “Todo Pensamento emite um Lance de Dados”. Será que o poeta quis dizer que o pensamento nunca abolirá o acaso? Relendo Proust, acredito ser possível matizar a afirmação de Mallarmé.

As relações entre pensamento e linguagem suscitaram muitos debates que giram em torno da prioridade de um dos fatores, ou melhor, sobre a necessidade ou não da linguagem, para expressar o pensamento. Podemos pensar sem linguagem ou pensamos somente com imagens, como defende António Damásio?²

Seria necessário entender o sentido do pensamento. É este o que vem na mente espontaneamente ou é o que acreditamos saber e o que temos dificuldade de dizer? Não confundimos o que pensamos com o que pensamos “sem pensar”, isto é, com o que as estruturas nas quais nascemos nos obrigam a pensar e das quais somos devedores? Quais são as relações entre pensamento e memória?

Quando aludimos ao pensamento de um grupo, não falamos antes de ideologia ou de filosofia, fruto de uma elaboração racional progressiva? “Pertença a tal escola de pensamento, ao pensamento lacaniano e não ao pensamento junguiano”, por exemplo.

Não darei uma resposta direta ao debate, priorizando a linguagem ou a imagem, mas outra opção, pelo viés do manuscrito literário.

O estudo dos manuscritos de Gustave Flaubert e dos cadernos proustianos revela um pensamento em formação ou um pensamento impensado em ação que produz um conjunto de lógicas – sem nexos necessários entre elas –, que aos poucos se articulam para oferecer a lógica do texto editado. Haveria, portanto, no manuscrito literário uma estrutura racional que subentende a escritura, mas que não aparecendo com evidência, será decifrada só depois tanto pelo escritor quanto pelo leitor do manuscrito.

² “A maioria das palavras que utilizamos na nossa fala interior, antes de dizermos ou escrevermos uma frase, existe sob a forma de imagens auditivas ou visuais em nossa consciência. Se não se tornassem imagens, por mais passageiras que fossem, não seriam nada que pudéssemos saber.” DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 134.

O crítico genético enfrentará o que chamei de inconsciente genético³, que é parecido, notadamente em Proust, com um disco rígido fragmentado – no qual a centena de cadernos dispersos se espalha no imenso espaço do disco de x bilhões de bytes –, e descobrirá a lógica que os guia à medida que se submete à leitura.

O escritor pode ter um plano bem estabelecido, como Émile Zola; folhas A5 sistematicamente preenchidas que seguem um esquema anterior, como Flaubert; ou um manuscrito preparatório, como o romance não publicado *Jean Santeuil*, ou o conjunto de ensaios editados com o título *Contre Sainte-Beuve*, em Proust. Uma vez iniciado o novo romance, o escritor deverá entretanto sublinhar, rasurar, substituir e avançar em seu texto. Mas impelido por qual força?

Força lembra pulsão e é, com efeito, a pulsão de escrever⁴ que agirá e que, como todas as pulsões, será impulsionada pelo desejo de gozo que subentende todas as ações do homem, quaisquer que sejam. O pensamento que se incarnará no texto escrito é, antes de ter outro motivo, suportado pela pulsão.

Como sublinha Lacan: “É pela realidade sexual que o significante entrou no mundo – o que quer dizer que o homem aprendeu a pensar”⁵; por exemplo, a distinguir um homem de uma mulher pela presença ou não do pênis. O pequeno bebê, quase sem linguagem, não precisa de grande perspicácia para diferenciar as duas imagens que ele nomeia papai e mamãe.

Desdobramento

A centena de cadernos redigidos de 1908 a 1914 por Marcel Proust não nos faz tomar partido pela linguagem ou pela imagem, mas nos obriga a alargar o debate. Se Proust estivesse unicamente do lado do pensamento expresso espontaneamente em imagens, deveríamos estudar apenas o primeiro jato de cada nova frase ou de

³ “Dispersos no manuscrito, os dados, subtraídos do texto editado, decorrem de seu não sabido genético. Fazem parte de um não sabido para o leitor, mas não de um impensado para o escritor – que os conhece, condensa ou elimina –, assim como tampouco para o crítico genético, que decifra os manuscritos. Parecidos com os elementos latentes do sonho ignorados pelo sonhador, mas pensados pelo agenciamento onírico, eles são ativos, desencadeiam o sonho narrado e, aqui, o texto publicado. O manuscrito se torna, assim, similar ao sonho em estado latente, se não levarmos em conta o seu fácil acesso e sua possibilidade de interpretação para o crítico”. WILLEMART, Philippe. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 33.

⁴ Lacan não fala explicitamente da pulsão de escrever, mas Juranville a deduz da teoria a partir do artigo “Lituraterre” (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003): “O movimento que traça a letra é pulsional! Lacan diz assim que o literal, o que tem a ver com a letra, é o litoral. Beira da falha no saber enquanto a letra vem cercar a falha no saber que implica a ideia de inconsciente”. (JURANVILLE, Alain. *Lacan et la Philosophie*. Paris: PUF, 1984, p. 284). O objeto da pulsão que agrada como o seio ou o pé da amante, o diamante ou o carro, o queijo ou o vinho, será um engodo necessário (Cf. *Ibidem*, p. 175). Na escritura, será a palavra justa, uma aproximação brilhante, uma palavra chamando outra, uma letra, o preenchimento de um branco, etc. (Cf. WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 86-90).

⁵ LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 144.

cada nova invenção em qualquer caderno, sem nos preocupar com as reformulações, rasuras e substituições. Teríamos as palavras ou as frases correspondentes às imagens vindas a sua mente e suas descrições. Se o pensamento proustiano se expressasse somente em sua obra, não seriam mais as imagens que dominariam, mas a linguagem retomada na escritura de cada caderno que, fortalecida pela história das palavras e de seu contexto, desempenharia o primeiro papel.

No entanto, Proust apresenta outros argumentos no final de fevereiro de 1909, logo após iniciar sua grande obra um ano antes. No começo do Caderno 29, nos fólios 19^o e 20^o, o narrador questiona o conceito de lembrança e toma nitidamente posição sobre o pensamento:

É uma coisa bastante curiosa esta impossibilidade para nós de reencontrar uma lembrança em outra coisa que por acaso nos lembra dela. É provável que quando pensamos em algo do passado, tentamos rever, porque é a vista que está perto da inteligência, ora, parece que ela não guarda nada do passado. Revemos bem tal parente, tal gesto, tal cena, mas é parecido com todas as pinturas de nossa memória. Ao passo que, se bruscamente tal coisa que vemos (mesmo num álbum uma fotografia que é um pouco parecida com Villiers) sem que possamos pensar nelas, se libera bruscamente, quimicamente, o passado, então, sentimos em nós uma substância inteiramente diferente do que pensamos agora, substância composta provavelmente de perfumes de outrora, da proporção de luz dos dias segundo as horas de nossos despertares e do comprimento das cortinas, e a clareza dos verões e a altura dos telhados, e de todos os desejos de viver e paisagens imaginários que tínhamos em nós e do gosto que impomos às coisas e de nosso apetite, do desejo de jantar. Mas muito mais do que os odores, as cores, deve ser a especificidade de um momento diferente, fora da lembrança, há somente alguns livros e os sonhos que nos dão isso, isto é, coisas nas quais o pensamento age sozinha.⁶

Tentar reencontrar uma lembrança pela inteligência trará apenas imagens fixas. Se ao contrário, qualquer semelhança de um objeto visto por acaso, com outro do qual temos uma vaga lembrança, nos impressiona sem querer, isto é, sem o pensamento voluntário, “sentimos” renascer outro passado que junta perfumes, sons, gostos, cores e desejos. A foto vista distraidamente nos levará através da sensação, não a outra imagem, mas ao que o narrador nomeia “uma bolha de gás” que remontará “até a superfície da consciência”. É outro conceito de pensamento que terá por origem uma sensação e não um raciocínio ou uma imagem.

⁶ À LA RECHERCHE du temps perdu – Manuscrits. Fonds Marcel Proust II. Paris: BnF, Gallica, NAF 16669, fólhos 19 e 20. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b60004929/f1.image.r=NAF%2016669.langFR>>. E PROUST, Marcel. Cahier 29, transcr. B. Brun e C. Quémar. Hypothèse sur le classement des premiers cahiers Swann. *Bulletin d'informations proustiennes*, 13. Paris: Presse de l'ENS, 1982, p. 19, tradução minha.

A mais, no final do trecho, o narrador enuncia outra posição surpreendente:

Mas bem mais do que os odores, as cores, deve ser a especificidade de um momento diferente de nossa vida interna que lhe dá sua cor, já que este tipo de impressão do diferente, fora da lembrança, há somente alguns livros e os sonhos, que nos dão isso, isto é, coisas nas quais o pensamento age sozinho.⁷

O que o narrador quer dizer quando insiste sobre a ação solitária do pensamento? Será que ele privilegia a imagem do sonho na qual não intervém a consciência nem a vontade nem o suporte da linguagem? A valorização do sonho aproxima Freud de Proust que, entretanto, ele não tinha jamais lido⁸. No entanto, seu narrador no *Tempo redescoberto* diz:

(...) o sonho incluía-se entre os fatos de minha vida que mais me haviam impressionado, que me deveriam ter convencido do caráter puramente mental da realidade, de cujo auxílio eu não desdenharia na composição de minha obra.⁹

Proust não deve ter considerado o sonho como o testemunho de um capítulo de sua história, marcado por um branco ou ocupado por uma mentira¹⁰, mas conhecendo o sonho por experiência, ele o encarava como um campo do pensamento, livre de qualquer ligação, por não respeitar nenhum dos nossos princípios lógicos, nem o terceiro-excluído, nem a cronologia dos fatos, e onde o falso costeia o verdadeiro, como mostra o sonho que empresta à personagem Swann¹¹. O pensamento age sozinho, no sentido de que ele não leva em conta a lógica de Aristóteles.

Podemos colocar as mesmas perguntas a “certos livros” que ele não nomeia. Tratar-se-ia dos livros lidos pela personagem Maman a seu filho na *Busca do tempo perdido*, como *La mare au diable*, de Georges Sand, no Caderno 6; ou *François le Champi*, do mesmo autor, no texto publicado? Este último entrou tão profundamente na memória do herói que, no último volume, reencontrará com surpresa o encanto do livro de sua infância quando esperava na biblioteca do príncipe de Guermantes o final do concerto para entrar no salão¹².

⁷ À LA RECHERCHE... Op. cit., Gallica, NAF 16669, fôlio 21, tradução minha.

⁸ WILLEMART, Philippe. *Proust, poeta e psicanalista*. São Paulo: Ateliê, 2000, p. 106-108.

⁹ PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto: Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Ed. Globo, 2013, p. 186.

¹⁰ LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 260.

¹¹ Cf. PROUST, Marcel. *No caminho de Swann: Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Ed. Globo, 2006a, p. 451 e WILLEMART, Philippe. Op. cit., 2000, p. 101-118.

¹² PROUST, Marcel. Op. cit., 2013, p. 227.

A solidão do pensamento significa pensar a partir da sensação sem o consentimento ou o agir da vontade e da inteligência, o que caracteriza a memória involuntária. No fôlio 80 do mesmo Caderno 29, o narrador já aproximava o sonho e o livro, avaliando-os a partir da duração na memória: “Os livros são sonhos mais claros, que se lembram mais tempo”¹³.

Em *À sombra das raparigas em flor*, o narrador vai mais longe ainda e insiste no contexto “da marcha ou do andar do pensamento”:

Podemos ficar falando durante a vida inteira sem fazer outra coisa senão repetir indefinidamente a vacuidade de um minuto, ao passo que o andar do pensamento no trabalho solitário de criação artística se efetua no sentido da profundidade, a única direção que não nos é vedada, e em que podemos progredir, embora com mais trabalho, para alcançar uma verdade.¹⁴

O trabalho solitário da criação artística se escalona de caderno em caderno de 1908 até 1922, ano da morte de Proust. Leremos apenas extratos do Caderno 29, que ilustram o episódio da torrada do caderno 8 – que se tornará *madeleine* no texto editado – e que mostra a terceira via do trabalho do pensamento.

Já que os cadernos 29 e o 8 são da mesma época e que o 8 desenvolve o que teoriza o 29, os geneticistas proustianos se perguntavam qual texto fora escrito primeiramente. Anthony Pugh sustenta que nada comprova a precedência do Caderno 29¹⁵, enquanto Claudine Quémard defende o contrário¹⁶, hipótese que o narrador parece confirmar anunciando no condicional o que fará:

Se quiser pintar Combray é com cores cinzas, este odor de palha e de geleia, este desejo de Veneza, esta tristeza de dizer boa noite a Maman que precisaria pintar. Isto sobe intacto como uma bolha de gás que se destaca e sobe através do líquido sem parar até a superfície da consciência.¹⁷

¹³ Idem. *Du côté de chez Swann*. Paris: Gallimard, 1987, p. 753.

¹⁴ Idem. *À sombra das raparigas em flor: Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Ed. Globo, 2006b, p. 566.

¹⁵ “The last of these passages (f.19b-21a) is entitled ‘Les Souvenirs’. It is a very articulate statement on the quality of memory, which could have found as place in the madeleine episode. But it did not, and again there is no pressure to believe that it antedates 8; rather the opposite”. PUGH, Anthony. *The growth of ‘A la recherche du temps perdu’*. Toronto: University of Toronto Press, 2004, p. 208.

¹⁶ “Cela voudrait dire que ce fragment est antérieur à la renaissance de Combray à partir d’une tasse de thé, antérieur à la rédaction du Cahier 8 au moins dans sa deuxième partie”. PROUST, Marcel. *Cahier 29*, transcr. B. Brun e C. Quémard. Op. cit., 1982.

¹⁷ À LA RECHERCHE... Op. cit., Gallica, NAF 16669, fôlio 20.

Sabendo que nosso cérebro não respeita o tempo e pode nos forçar a enunciar coisas já desenvolvidas, mas ainda ignoradas de nossa consciência, não defenderemos Pugh ou Quémar, supondo que a teoria, tanto quanto sua ilustração, possam ter sido escritas em primeiro lugar.

Examinamos os fólios 11rº, 67rº e 68rº do Caderno 8 que desdobra o pensamento após uma sensação.

Mas em um dia de inverno, tinha voltado com muito frio; como pedia a Françoise para me dar algo de fervente para me aquecer, ela me trouxe uma xícara de chá (que) nunca tomo com uma torrada. Mergulhei a torrada no chá, a trouxe amolecida a meus lábios e fui invadido por uma singular sensação de encanto da qual não podia entender a causa.¹⁸

O narrador conta um acontecimento do qual a imagem e a sensação que seguiram, já desencadeiam a lembrança de Combray no folio seguinte: “De maneira que agora Combray ressuscita”; e, na margem direita embora riscado: “a casa inteira é reconstruída e ao redor da casa, a cidade com suas ruas das horas diferentes do dia”.

O narrador que já tinha começado a cena do dormir paralela à visita de Swann, prefere continuá-la e abandonar a lembrança de Combray. É somente no fólio 66 vº, isto é, 55 fólios mais tarde, que ele junta as poucas lembranças que lhe traz a inteligência e se pergunta: “Morto para sempre?” E associa nele uma lembrança de leitura:

Morto para sempre? Isto podia ser e li em algum lugar uma lenda bretã que disse que as almas daqueles a quem perdemos, na realidade se acham cativas em algum ser, em algumas plantas, num simples pedregulho da estrada. Presas, desconhecidas, mortas para sempre se, encontrando, acolhendo o ser ou o objeto, quebramos o encanto. Então, com nosso contato, se for bastante forte, é liberada a cativa. É assim do que foi para nós e não é mais. Queremos nos lembrar, não podemos. Nossa inteligência se esforça e não pode nada. Ela não sabe fazer ressuscitar.¹⁹

A lenda bretã, estrutura mítica ligada ao imaginário, resolve o problema do acaso do reencontro, contrariamente ao raciocínio que juntando inteligência e vontade não tem o poder de explicar, ressuscitar ou lembrar este tipo de acontecimento. O narrador retoma o texto do fólio 11 rº, salientando o enigma da sensação:

¹⁸ Ibidem, fólio 11rº.

¹⁹ Ibidem, fólio 67rº, tradução minha.

Minha fogueira não acendia. Para me esquentar, Françoise me propusera esquentar um chá. Nunca tomo, hesitava, aceitava. Ela me trouxe o chá com uma pequena torrada que mergulhava nele. Ela amoleceu de tal modo que a colherada de chá que levei a meus lábios logo que ela os tocou (...) me senti invadido por uma sensação deliciosa.²⁰

Perdendo sua forma, a torrada mantém o sabor que provoca uma sensação de tal tamanho que se traduzirá por prazer no texto publicado, mas que já é detalhada no fólio seguinte:

Parecia que meu ser de repente se enchia de uma essência preciosa desconhecida e que dava à minha vida um preço infinito e subtraído a todas suas contingências. (...) O desgosto de minha mediocridade, a platitude do presente, o medo do futuro, tudo isso desvanecia. Esta sensação tão obscura quanto poderosa e (...) que teria sido bem embaraçoso defini-la, mesmo de perceber, trazendo nela mesma de certa forma a evidência de seu valor superior à vida pela indiferença sofrida que ela me tinha dado a tudo o que não era ela.

O sabor desencadeia um fenômeno estranho que invade todo seu ser e o coloca acima da vida vivida até agora, mas o herói não consegue ainda adivinhar o que é.

Mas o que podia ser ela, sentia que tinha entrado em mim (...) no momento quando tinha sentido (...) o gole de chá misturado com torrada e tinha tocado meu paladar. Mas sabia também que era outra coisa. Procurava em mim, no fundo de mim, ora parecia que meu ser tinha tomado uma espécie de profundidade infinita. E sentia nesta profundidade algo que despertado provavelmente pelo gosto do chá, se destacava, procurava subir à luz da consciência (...) subia, atravessava espaços antigos das quais ela me devolvia a sensação comum como uma âncora que atravessou toda a profundidade da água antes de aparecer.

Aumentado pelos “espaços antigos”, seu ser crescia. A metáfora “das pernas de paus” da última página da *Busca do tempo perdido*, que fará do herói um gigante²¹, insistia no tempo perdido e redescoberto, enquanto aqui a sensação percorre um longo espaço até encontrar “algo”. A junção do tempo e do espaço nessas metáforas lembra a quarta dimensão descoberta por Einstein e da qual o narrador falará explicitamente em *O caminho de Swann*²² e em *A prisioneira*²³.

²⁰ Ibidem, fólio 67rº, tradução minha.

²¹ PROUST, Marcel. *Le temps retrouvé*, t. IV. Paris: Gallimard, 1989, p. 625.

²² Idem. Op. cit., 2006a, p. 90.

²³ Idem. *A prisioneira: Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Ed. Globo, 2011, p. 447-448.

Mas poderia subir até lá. Esforçava-me, inclinava-me até este fundo de mim mesmo, nada avistava, (...) parecia-me que ia [fólio 68rº] distinguir algo (...) um instante cessava de pensar (...) tentava me recolocar no estado em que estava quando o chá tinha tocado minha boca, esforçava-me para não pensar ao que ia acontecer.

E após duas colheradas de chá, o herói tentava ainda “reproduzir pela memória [...] e de repente, ele lembra [...]. O gosto de chá misturado com torrada amolecida, é o que [folio 68vº] nas manhãs, provava em Combray”. Então, surgiram a aldeia, a casa de tia Léonie, a rua, os passeios ao redor da cidadezinha, o rio, “tudo isso retoma forma como as flores japonesas de papel mergulhadas numa tigela de água” (fólio 69º).

Duas vezes, o narrador repete “cessava de pensar” porque queria se desligar do pensamento voluntário e estar inteiramente envolvido pela sensação e pelo que remontava a sua memória. A convocação da memória é constante, mas através da sensação. O passado não depende mais de um esforço voluntário para chegar à mente, mas de uma sensação de hoje que reencontra sua irmã, uma sensação parecida, no passado.

É outra maneira de pensar, não mais pela imagem e pela linguagem, mas a partir de uma impressão sentida e de um esforço constante para reencontrar as profundezas da lembrança. “Esforço” não é a palavra certa, já que a vontade não interfere, seria melhor dizer “disposição”. Observamos o caminho: nenhuma previsão, nem plano premeditado, mas uma disposição em aceitar uma coisa inesperada fora da lógica racional e dos clichês do mundo conhecido. Atraído por uma promessa de felicidade, o herói está seguro de que o objeto faz parte de sua história e não surgirá de fora. O sabor e o odor, pulsões primitivas que compartilhamos com o reino animal, acompanham a busca do início até o fim²⁴. Novo fio de Ariadne, elas conduzem a vontade e a inteligência. Será a contribuição indireta de Proust à neurociência. Não são ativadas em primeiro lugar as zonas do cérebro da inteligência e da vontade, mas as zonas ligadas à sensibilidade. Ativar, no entanto, não é a palavra adequada já que a vontade não intervém, diria melhor, deixar vir e acolher.

Como em Mallarmé, o pensamento sai de um lance de dados, mas o acaso só interfere no começo, quando da mistura do chá e da torrada durante um inverno rigoroso, fato parecido com o encontro de um objeto por coincidência na lenda bretã. Numa segunda etapa, o pensamento segue um caminho rígido a partir das circunstâncias que bastava repetir – beber de novo uma xícara de chá com uma torrada ou uma *madeleine* – para reencontrar a lembrança através das sensações,

²⁴ WILLEMART, Philippe. *O conceito de incerteza em Marcel Proust*. Crítica genética e psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 147-154.

mantendo todavia a passividade ou a abertura necessária que lembra o pensamento do sonho não consciente que age sozinho, como comenta o narrador no Caderno 29. O pensamento proustiano não parte, portanto, da imagem nem da linguagem neste caso, mas da sensação que descobre uma sensação irmã no passado sem preocupação do tempo intermediário.

Concordo com Mallarmé, numa primeira etapa: “Todo Pensamento emite um Lance de Dados”; mas, logo em seguida, o pensamento desencadeia um traçado delineado pela similaridade de sensações fora do tempo, que desperta uma lembrança, signo de felicidade e de gozo.

Bibliografia

PROUST, Marcel

À LA RECHERCHE du temps perdu – Manuscrits. Fonds Marcel Proust II. Paris: BnF, Gallica. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b60004929/f1.image.r=NAF%2016669.langFR>.

Cahier 29, transcr. B. Brun e C. Quémard. Hypothèse sur le classement des premiers cahiers Swann. *Bulletin d'informations proustiennes*, 13. Paris: Presse de l'ENS, 1982.

Du côté de chez Swann. Paris: Gallimard, 1987.

Le temps retrouvé, t. IV. Paris: Gallimard, 1989.

No caminho de Swann: Em busca do tempo perdido. Trad. M. Quintana. São Paulo: Ed. Globo, 2006a.

À sombra das raparigas em flor: Em busca do tempo perdido. Trad. M. Quintana. São Paulo: Ed. Globo, 2006b.

A prisioneira: Em busca do tempo perdido. Trad. M. Bandeira e L. S. de Aguiar. São Paulo: Ed. Globo, 2011.

O tempo redescoberto: Em busca do tempo perdido. Trad. L. M. Pereira. São Paulo: Ed. Globo, 2013.

Contra Sainte-Beuve. Trad. L. P. Nogueira. São Paulo: Ed. Ayiné, 2017.

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

JURANVILLE, Alain. *Lacan et la Philosophie*. Paris: P.U.F., 1984.

- LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. “Lituraterra”. In: _____. *Outros escritos*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PUGH, Anthony. *The growth of ‘À la recherche du temps perdu’*. Toronto: University of Toronto Press, 2004.
- WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- _____. *Proust, poeta e psicanalista*. São Paulo: Ateliê, 2000.
- _____. *O conceito de incerteza em Marcel Proust*. Crítica genética e psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. Le mystère du temps creusé au fond d’un être: Pourquoi raturer Les intermittences du cœur et le remplacer par À la recherche du temps perdu? *Marcel Proust aujourd’hui*, vol. 13 – ‘Sensations proustiennes’. Amsterdam, p. 117-126, 2016.

Recebido em 29.01.2018.

Aceito para publicação em 05.03.2018.

© 2018 Philippe Willemart. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).